

27 NOV 1985

# De quanto dinheiro precisamos?

*Crédito Externo*  
HENRY MAKSOU

CORREIO BRAZILIENSE

Como se não bastasse a enorme complexidade inerente à própria vida em sociedade, o homem é ainda atormentado por muitas superstições no campo da economia. Uma dessas superstições é a de que o dinheiro não só precisa ser um monopólio do Estado mas também deve ter sua quantidade controlada e estabelecida pelo governo. Em função dessa superstição existem as chamadas políticas monetárias, todas elas circundando o mesmo tema: qual a quantidade "correta" de dinheiro que o governo deve manter na economia para que ela "funcione bem"? E como se fosse questão fechada a de que os planejadores monetaristas deveriam estar continuamente tirando e pondo meios de pagamento no mercado. Há, no entanto, uma outra visão, completamente distinta e espantosa: a quantidade de dinheiro na economia não tem a menor importância. O importante é ter dinheiro com poder aquisitivo estável.

Não é difícil observar que existe uma crença arraigada de que o dinheiro é um instrumento de planejamento que pode ser manipulado para produzir resultados econômicos desejados. De acordo com essa mística, o emprego, os juros e outros resultados econômicos poderão ser predeterminados pelo controle da quantidade de dinheiro. Isso faz com que a atenção dos especialistas fique concentrada na determinação do montante "adequado" de dinheiro que os técnicos devem manter em circulação. E são muitas as teorias sobre o estabelecimento dessa oferta: que fosse baseada no tamanho do déficit orçamentário e no suposto benefício que esse déficit (coberto por emissão e/ou financiamento) trará para a economia; que fosse relacionada com a produção de bens e serviços; ou que tivesse relação com o volume do

comércio ou as variações dos preços etc. Há pouca gente hoje disposta a rejeitar essas teorias intervencionistas para deixar que o mercado equilibre a oferta e a procura de dinheiro. Somente um ou outro economista deixa entrever séria preocupação com relação ao desenfreado aumento dos meios de pagamento como causa fundamental da inflação.

Quase todos elaboram em torno de complexas políticas monetárias, de controles de preços e outras formas de dirigismo econômico. Esse é um enfoque também infelizmente apoiado por gente importante, como o Prêmio Nobel de Economia deste ano, o italiano Franco Modigliani. Defensor de técnicas de controles de preços, o ilustre premiado confessa-se um "neokeynesiano", dizendo que "o essencial da teoria de Keynes continua válido...". E afirma que "continua atualmente tendo valor e vigência a tese de que o sistema de mercado deve ser estabilizado (grifo meu) através do sistema político". O que ele quer dizer em última análise é que o mercado não basta para se ter uma economia estável. Ele considera válida a idéia de Keynes de que as flutuações inerentes à economia podem ser atenuadas provocando desequilíbrios orçamentários. E como bom "neokeynesiano" (ou estruturalista se quiserem) receita a intervenção no mercado até pelo congelamento dos preços. Isto significa que o dinheiro não deve ser regulado livremente pelo mecanismo de preços do mercado. Como outras mercadorias da Economia, o dinheiro também precisa estar sujeito à planificação governamental.

Quando o planejamento econômico faz crescer a quantidade de meios de pagamento pre-

sumindo uma meta de crescimento econômico, confunde-se dinheiro com riqueza. O que não se percebe, porém, é que, neste aspecto, o dinheiro é uma mercadoria diferente das demais: quando a "oferta" de dinheiro aumenta, a sociedade não fica mais rica; mas quando aumenta a oferta de outras mercadorias a sociedade se beneficia, fica mais rica. Um aumento de bens e serviços traz melhor padrão de vida para a sociedade; a descoberta e exploração de uma jazida ou de uma região fértil, também. Mas um aumento da quantidade de dinheiro não melhora o padrão de vida; apenas dilui o valor de cada cruzeiro, isto é, provoca aumento dos preços e perda geral de poder aquisitivo da moeda.

O dinheiro é também diferente das outras mercadorias por outro motivo. Os bens de capital e os recursos naturais são consumidos no processo de produção; e os bens de consumo e os serviços são usados e eventualmente destruídos pelos consumidores. Mas o dinheiro não é consumido, porque é um instrumento de troca que permanece circulando no mercado.

De outro lado, o dinheiro deixa de ser diferente e funciona como as outras mercadorias, quando opera a eterna "lei" da oferta e da procura. Essa lei determina o "preço" do dinheiro e das demais mercadorias. Todo mundo sabe que se houver, por exemplo, falta de tomate (isto é, se a oferta cair) e continuar havendo a mesma procura, o preço do tomate tende a subir; se a oferta de tomate aumentar, o preço tende a baixar. O mesmo se dá com o dinheiro: um aumento da oferta de dinheiro tenderá a diminuir seu preço — ou seja, o dinheiro valerá menos.

É fácil perceber, então, que, ao passo que um aumento da

produção de qualquer mercadoria traz benefício para as pessoas, pois tende a reduzir o preço de cada unidade produzida, um aumento da quantidade de dinheiro não redundará em nenhum benefício. A razão é simples: o dinheiro tem só uma utilidade: é um instrumento de troca, os outros bens têm várias utilidades: uma fruta, por exemplo, serve para produzir suco, geléia, compota ou extrato, de modo que um aumento de sua quantidade tende a satisfazer um maior número de consumidores. Como o dinheiro não tem outra utilidade a não ser como meio de troca, um aumento de sua quantidade não traz nenhum benefício embora produza todos os males conhecidos da inflação.

O aumento da quantidade de dinheiro, portanto, apenas diminui parte do poder aquisitivo de cada unidade monetária; de outro lado, a contração da oferta de dinheiro apenas aumenta o poder aquisitivo de cada unidade. Ou seja, o mercado ajusta automaticamente o valor das unidades monetárias às necessidades dos agentes econômicos. Isto só nos conduz a uma conclusão: funcionando o mercado, a quantidade de dinheiro na economia não tem a menor importância. Moral da história: em lugar de abraçar políticas monetárias que jamais trarão resultados benéficos, os cientistas, os políticos e os estadistas deveriam livrar-se das superstições e teorias sobre o governo e a quantidade "correta" de dinheiro, e tratar de compreender que somente um verdadeiro mercado monetário (inclusive, sem o monopólio estatal) pode ser imparcial, racional e eficaz nessa questão da oferta de dinheiro em relação às necessidades dos consumidores.

Henry Maksoud é diretor responsável e editor da revista Visão